



## Operar sobre fronteiras em deslocamento: reflexões a partir de duas artistas da luz

*Artur Ferreira da Silva, Taianã de Oliveira Mello Garcia*

O campo da iluminação cênica tem dado saltos em desenvolvimento comumente associado ao surgimento e aprimoramento de novas tecnologias. A descoberta da luz elétrica é um grande marco para a cena que traz novas questões, resolve o problema da luminosidade nos teatros fechados de uma vez e abre as fendas necessárias para que o pensamento estético caminhe a passos mais largos. Nos últimos anos com as tecnologias digitais, a invenção de uma profusão de tipos de refletores, lâmpadas, lentes, filtros, LEDs, mesas, 'softwares' e etc, as possibilidades no uso da luz se ampliam ainda mais. É comum, nesse contexto, associar o saber da luz a um conhecimento essencialmente técnico. O iluminador é muitas vezes entendido apenas na figura da montagem e operação de equipamentos. Nesse ponto em que o LABIC — Laboratório de Estudos da Iluminação Cênica inicia suas atividades no IFFluminense campus Campos Centro essa é uma visão dominante da área a qual não será negada a importância, mas apropriada para aprofundar também os aspectos estéticos da criação de luz. Portanto, busca-se compreender como os aspectos tecnológicos são constitutivos de uma poética da iluminação cênica? Para isto, partimos de duas entrevistas realizadas neste laboratório no primeiro semestre de 2020 com duas artistas da luz. A primeira é Mirella Brandi, que tematiza a luz como linguagem autônoma e performativa na construção de narrativas e em seguida Dodi Leal, quem fricciona os pensamentos e fazeres da iluminação teatral a partir da perspectiva das desobediências de gênero. Agrega-se a isto o entendimento da performatividade da luz, desenvolvido por Nadia Luciani, que apresenta a luz como presença da cena e amplia o escopo de atuação tanto do iluminador como do operador técnico. A partir do trabalho destas artistas o olhar para a iluminação é deslocado e pode ser entendido junto ao fazer corporal em arte. Nesta perspectiva corpo, luz e tecnologia não são polos que se opõem, mas que atuam em conjunto e se transformam mutuamente nos processos da criação artística.